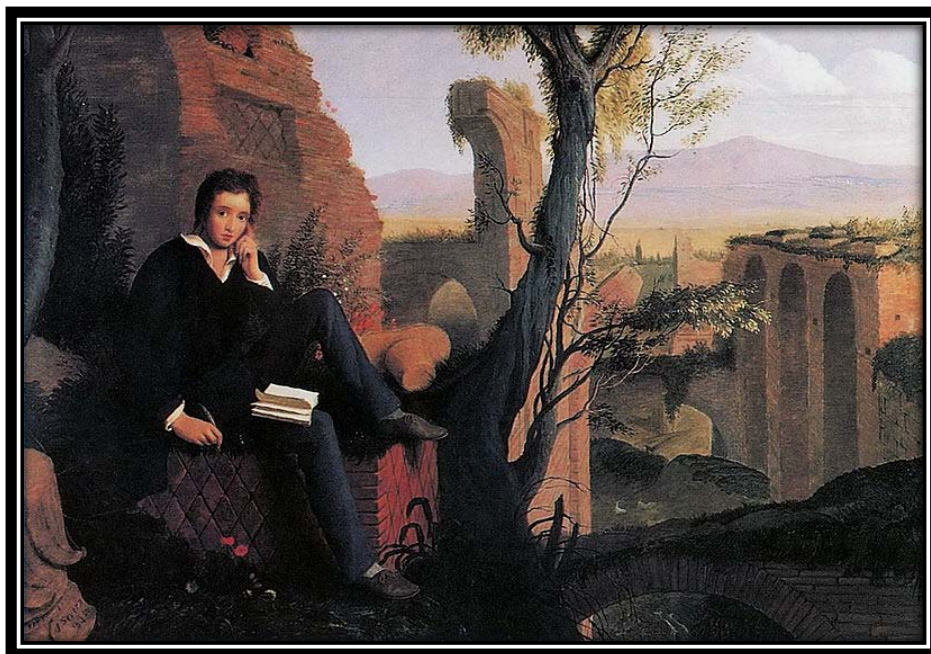


	O CONCEITO DE ALMA NA POESIA ROMÂNTICA INGLESA	Maria Laura Bettencourt Pires Universidade Católica Sociedade Científica
-----------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------



Joseph Sever, *Shelley Writing "Prometheus Unbound"*, 1845.¹

¹ O original desta pintura tão representativa do romantismo inglês encontra-se no museu Keats-Shelley House em Roma.

	<p>O CONCEITO DE ALMA NA POESIA ROMÂNTICA INGLESA</p>	<p>Maria Laura Bettencourt Pires Universidade Católica Sociedade Científica</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------

No nosso mundo obcecado com a riqueza e onde o materialismo atingiu proporções epidémicas, "ter e usufruir" parece ser o objectivo da maioria das pessoas que, por outro lado, pretendem apenas encontrar uma solução para as crises da vida e não ter sofrimento. Ao contrário dos poetas românticos ingleses, ninguém actualmente deseja descobrir os múltiplos demónios que assombram a sua alma nem está interessado no imperativo gnóstico "conhece-te a ti próprio", temas sobre os quais se debruçaram William Blake e John Keats.

Ao analisarmos as obras destes poetas do ponto de vista do tema central deste número da *Gaudium Sciendi*³, o conceito de alma, temos de ter em linha de conta que o movimento romântico se desenvolveu em Inglaterra sobretudo no período que decorre entre a Revolução Francesa (1789) e a coroação da Rainha Victoria em 1837. Por outro lado, distingue-se em relação aos outros romantismos

² Maria Laura Bettencourt Pires é Professora Catedrática e Directora da revista electrónica *Gaudium Sciendi* da Sociedade Científica da Universidade Católica. Entre as suas actividades destacam-se: a docência e a coordenação (cursos de Mestrado e Doutoramento; Secção das Ciências Sociais da Sociedade Científica da UCP e Projectos de Investigação do CECC). Ensinou também nas Universidades Nova e Aberta e, nos EUA, Georgetown, Brown e Fairfield. Publicou: *As Humanidades e as Ciências – Dois Modos de Ver o Mundo* (Co-editora, 2013); *Intellectual Topographies and the Making of Citizenship* (Co-editora, 2011) e como autora *Intelectuais Públicas Portuguesas - As Musas Inquietantes* (2010), *Ensino Superior: Da Ruptura à Inovação* (2007), *Teorias da Cultura* (³2011, ²2006, ¹2004), *Ensaio-Notas e Reflexões* (2000), *Sociedade e Cultura Norte-Americanas* (1996), *William Beckford e Portugal* (1987), *História da Literatura Infantil Portuguesa* (1982), *Portugal Visto pelos Ingleses* (1980), *Walter Scott e o Romantismo Português* (1979), além de editoriais, prefácios, ensaios e artigos em volumes de homenagem, revistas e enciclopédias.


³ Ver Maria Laura Bettencourt Pires, "Editorial", *Gaudium Sciendi*, nº 6, Junho 2014, pp. 21.

	<p>O CONCEITO DE ALMA NA POESIA ROMÂNTICA INGLESA</p>	<p>Maria Laura Bettencourt Pires Universidade Católica Sociedade Científica</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------

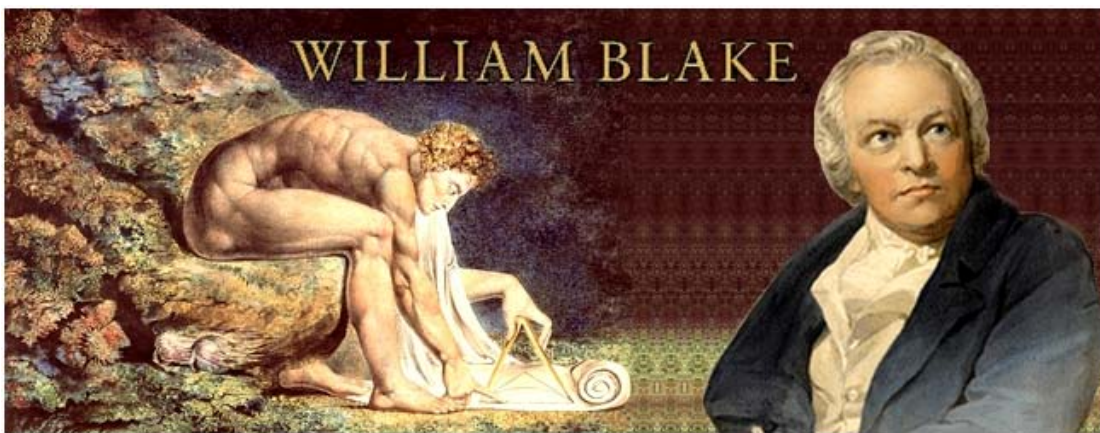
européus – que, na literatura, produziram autores como Goethe, Rousseau, Pushkin e Victor Hugo, na pintura, Turner, Constable, Delacroix, Géricault e Caspar David Friedrich e na música, Beethoven, Schubert e Berlioz - por nunca ter sido um movimento literário unificado, sendo, por isso mesmo, difícil de definir. Destaca-se, contudo, por ter características que o opõem à era anterior do Iluminismo, durante a qual se enfatizava a objectividade e a razão enquanto os românticos se interessavam pelos aspectos mais subjectivos e irracionais da natureza humana como: a emoção, a imaginação e a introspecção.

Foram essas características que justificaram a nossa escolha do tema deste artigo e decidimos, por isso, focar a poesia romântica inglesa, na qual sobressaem as figuras notáveis de William Blake, William Wordsworth e Samuel Taylor Coleridge na primeira geração e Byron, Percy Bysshe Shelley e John Keats da segunda, escolhendo analisar um poeta de cada geração, isto é, Blake e Keats. É de referir que, embora os classifiquemos como românticos, nenhum destes autores se consideraria como tal e que ambos produziram obras variadas e individualmente muito distintas. Partilhavam, contudo, um interesse pela noção de alma a que se referem com frequência nos seus poemas e Blake nas suas magníficas ilustrações, contribuindo assim de forma notável para a renovação da literatura inglesa e para a poesia ser vista como a expressão da imaginação. Tal como escreveu Shelley em *A Defense of Poetry*⁴:

⁴ Embora Percy Bysshe Shelley tenha escrito *A Defense of Poetry* em 1821 o texto apenas foi publicado postumamente, em 1840, em *Essays, Letters from Abroad, Translations and Fragments*, London: Moxon.

	<p>O CONCEITO DE ALMA NA POESIA ROMÂNTICA INGLESA</p>	<p>Maria Laura Bettencourt Pires Universidade Católica Sociedade Científica</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------

"The literature of England has arisen as it were from a new birth ... we live among such philosophers and poets as surpass beyond comparison any who have appeared since the last national struggle for civil and religious liberty."⁵



William Blake (1757-1827) foi um dos mais inovadores e inconformistas poetas da literatura inglesa. Foi também um notável pintor, místico visionário e gravador⁶. Este poeta-artista, embora o seu valor não fosse reconhecido enquanto vivia, é actualmente considerado como uma figura primordial na história da poesia e das artes visuais do período romântico. Tal como lemos no subtítulo da biografia escrita por Alexander Gilchrist⁷, Blake era um *Pictor Ignotus* que não escrevia nem

⁵ "A literatura inglesa surgiu como se se tratasse de re-nascimento ... vivemos entre filósofos e poetas que ultrapassam incomparavelmente quaisquer outros que tenham aparecido desde a última luta nacional pela liberdade civil e religiosa."

⁶ Tendo seguido o processo de gravura a entalhe sobre matriz de cobre deveria ser designado como calcógrafo.

⁷ Alexander Gilchrist, *Life of William Blake "Pictor Ignotus. With Selections from his Poems and Other Writings"*, London: Macmillan and Co, 1863. A expressão latina do subtítulo era então usada para designar "artistas desconhecidos" mas a publicação desta obra de dois volumes, sendo o primeiro uma biografia e o segundo, editado e anotado por Dante Gabriel Rossetti, uma compilação de trabalhos de Blake - e que teve uma 2ª edição em 1880 - contribuiu para tornar Blake conhecido e serviu de base a muitos estudos futuros.

	<p>O CONCEITO DE ALMA NA POESIA ROMÂNTICA INGLESA</p>	<p>Maria Laura Bettencourt Pires Universidade Católica Sociedade Científica</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------

desenhava para o público em geral mas sim para as crianças e os anjos, sendo ele próprio "um filho de Deus" que brincava com "o sol, a lua, as estrelas, o céu e a terra."

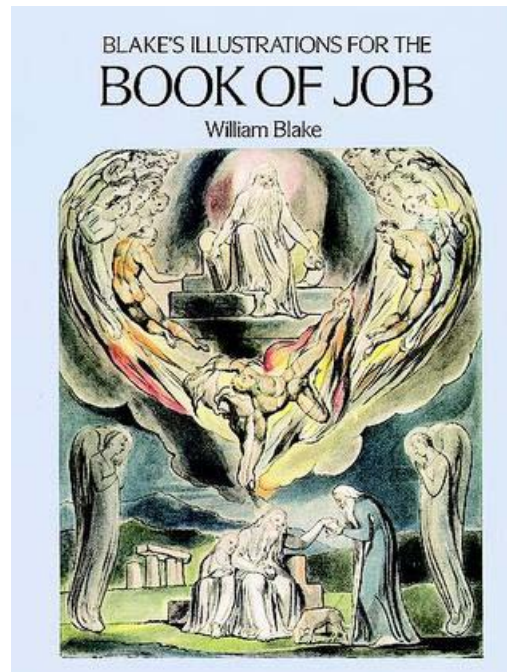
A este propósito, pode considerar-se que, decerto como uma forma de protesto contra as condições difíceis da sua vida, o poeta criou para si próprio um mundo "dourado" ideal, baseando, por outro lado, os seus mitos num realismo moral. Para tal contribuiu, certamente, o facto de ele não ter ido à escola e de ter dirigido a sua própria educação que baseou sobretudo em leituras da Bíblia. Com efeito, sabia de cor o texto que citava palavra a palavra, como se verifica por a sua poesia estar permeada de referências, que teria assimilado e recriado ao longo da vida, estando o sistema simbólico bíblico subjacente praticamente a todos os seus poemas. Neste âmbito, é de referir a obra intitulada *Illustrations of the Book of Job* (1826), uma série de vinte e duas gravuras para ilustrar o "Livro de Job"⁸ a que Blake se dedicou praticamente toda a vida e que é considerada unanimemente como uma obra de arte, tendo sido um dos raros sucessos - tanto comercial como do ponto de vista da crítica - que teve em vida.

⁸ Vidé *Bíblia Sagrada*, Apelação: Paulus, 1999, p. 708-743.



O CONCEITO DE
ALMA NA
POESIA
ROMÂNTICA
INGLESA

Maria Laura Bettencourt Pires
Universidade Católica
Sociedade Científica



	<p>O CONCEITO DE ALMA NA POESIA ROMÂNTICA INGLESA</p>	<p>Maria Laura Bettencourt Pires Universidade Católica Sociedade Científica</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------



*Illustrations of the Book of Job (1826)*⁹

Entre todas as obras de William Blake, destacam-se *The Marriage of Heaven and Hell, Milton* (1804-08) e *Jerusalem* (1804-1820), os chamados "Prophetic Books", que, sendo os seus últimos trabalhos, foram também os mais ambiciosos. Porém, considerando que o tópico de interesse neste número da *Gaudium Sciendi* é "O Conceito de Alma", justifica-se a nossa escolha de William Blake entre outros românticos ingleses devido ao facto de ser um poeta e um artista que se debruçou sobre essa questão de interesse universal e também por ele próprio ter identificado a confusão e a infelicidade inerentes à alma humana como um dos temas centrais da sua obra.

⁹ V. David Erdman (Ed.), *The Complete Poetry and Prose of William Blake*. Sobre esta obra de arte ver os estudos de Joseph Wicksteed, *Blake's Vision of the Book of Job, A Study* (New York, 1910) e S. Foster Damon, *Blake's Job: William Blake's Illustrations of the Book of Job with an Introduction and Commentary* (Providence, R. I., 1966).


	<p>O CONCEITO DE ALMA NA POESIA ROMÂNTICA INGLESA</p>	<p>Maria Laura Bettencourt Pires Universidade Católica Sociedade Científica</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------

Consequentemente, entre outras hipóteses, neste artigo iremos focar a obra *Songs of Innocence and Experience*¹⁰ enfatizando a circunstância de o próprio Blake ter dado a esta colectânea de canções o subtítulo *Showing the Two Contrary States of Human Soul*, como vemos na página de título que aqui reproduzimos, advertindo assim o leitor de que se iria debruçar sobre a alma, na qual considerava que havia "oposições necessárias".



Os dois estados contrários da alma estão patentes na obra no cosmos de fantasia de *Songs of Innocence* onde, através de palavras e imagens, o poeta descreve um mundo infantil de visões subjectivas, que são expressões simbólicas de

¹⁰ Recomendamos a edição de 2006 da Tate Publishing por ser facsimilada e reproduzir as ilustrações e o tipo de letra da obra original de 1789, permitindo assim a Blake interagir com os seus leitores tal como pretendia. Ver *Canções de Inocência e de Experiência – Mostrando os Dois Estados Contrários da Alma Humana*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2009. Tradução portuguesa de Jorge Vaz de Carvalho.

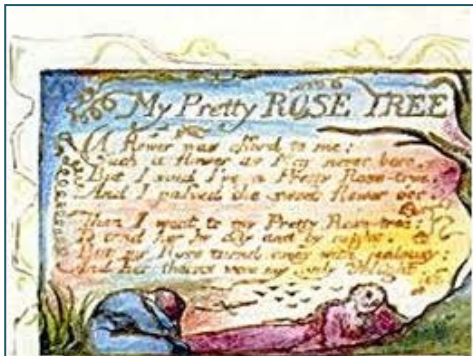
	<p>O CONCEITO DE ALMA NA POESIA ROMÂNTICA INGLESA</p>	<p>Maria Laura Bettencourt Pires Universidade Católica Sociedade Científica</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------

uma filosofia de vida profundamente original. Encontramo-los também na imagística de *Songs of Experience* na qual, como em tantas das suas gravuras e pinturas, há serpentes que rastejam e se contorcem numa atmosfera de luta, agonia e tormentos.

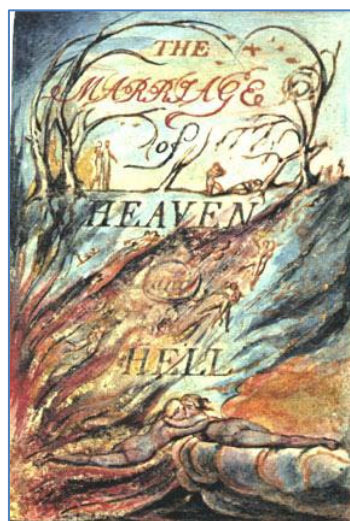
Embora tal não seja explicitamente designado, é claro que *Experience* é o oposto de *Innocence*, sendo este um estado conhecido da alma humana muitas vezes designado como Felicidade. Quando os leitores confrontam *Innocence* canção a canção com o seu oposto, logo reconhecem a descrição do poeta como verdadeira de acordo com a sua própria 'Experiência'. Podemos, pois, concluir que Blake realizou de facto uma investigação rigorosa das limitações e das condições da alma humana (*of human satisfaction*) e das tensões emocionais entre os dois "Contrary States".

Segundo alguns estudiosos, ambas as descrições têm um fundo autobiográfico, tendo algumas das canções de *Songs of Innocence* sido escritas depois do casamento a pensar nos filhos que Blake e a mulher, Kate, nunca chegaram a ter. Por outro lado, os poemas amargos de *Songs of Experience*, como *My Pretty Rose-Tree* e *The Garden of Love*, corresponderiam a períodos menos felizes da vida do poeta.

	<p>O CONCEITO DE ALMA NA POESIA ROMÂNTICA INGLESA</p>	<p>Maria Laura Bettencourt Pires Universidade Católica Sociedade Científica</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------



Relativamente ao conceito de "contrários necessários", é de referir que o protestantismo convencional do século XVIII minimizava as oposições essenciais na natureza humana num processo que implicava reduzir a faculdade racional à aritmética e as emoções ao sentimentalismo. Blake, sempre inconformista, manifestou-se abertamente contra esta ideia religiosa, ao expor a sua Doutrina dos Contrários, como fez sobretudo em *Marriage of Heaven and Hell* (1790-03) onde dizia: "Without Contraries there is no progression. Attraction and repulsion, reason and energy, love and hate, are necessary to human existence".





O CONCEITO DE
ALMA NA
POESIA
ROMÂNTICA
INGLESA

Maria Laura Bettencourt Pires
Universidade Católica
Sociedade Científica




Marriage of Heaven and Hell

Na sua carreira profissional pode dizer-se que Blake também reconciliou "contrários" tais como: o trabalho físico em que sentia as sensações tácteis e olfactivas inerentes ao processo de fazer gravura em cobre e a actividade mental mais abstracta de escrever os poemas e de desenhar. Em relação a estas referências a contrários, Blake parece ter sido influenciado por Swedenborg, o cientista, filósofo e teólogo sueco, que também era um visionário e afirmava que tinha ido ao céu onde se encontrara com as almas.

Relativamente ao estilo, pode dizer-se que em *Songs of Innocence* Blake procura seguir a tradição das *folk-songs*¹¹, escrevendo num tom popular, coloquial e realista típico dos entretenimentos em comunidade e, neste caso, também do ponto

¹¹ Trata-se de um tipo de canção tradicional que é transmitida oralmente.


	<p>O CONCEITO DE ALMA NA POESIA ROMÂNTICA INGLESA</p>	<p>Maria Laura Bettencourt Pires Universidade Católica Sociedade Científica</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------

de vista de uma criança, não sendo a obra assim, aparentemente, destinada às elites intelectuais que o autor, aliás, desprezava. Quanto ao fundo musical, sabemos que Blake compôs as suas próprias melodias para as canções que escreveu para esta obra mas que, infelizmente, não sobreviveram.

Considerando as magníficas ilustrações - e tendo em linha de conta que Blake, antes de ser ilustrador de livros, teve aulas na Royal Academy dirigida por *Sir* Joshua Reynolds, onde foi convidado a ensinar - ninguém pode dizer que leu a obra sem ter visto pelo menos um exemplo do extraordinário "Illuminated Printing", o processo de gravura em relevo seguido de coloração feita à mão, segundo o qual, com pequenas modificações, a maioria dos poemas foi originalmente publicada. Tal como o próprio Blake o descreve, trata-se de um método que combina o Pintor e o Poeta, sendo um fenómeno que merece a atenção do público e que deve recompensar o seu autor desde que não exceda os métodos anteriores em elegância¹². Este processo gráfico torna a poesia de Blake "pictórica" e, como todos os seus leitores constataam, as imagens, o colorido e o esquema da página contribuem expressivamente para o significado do poema e para a experiência estética.

Muitos dos intérpretes e estudiosos de Blake têm abordagens diferentes da sua obra, alguns interessam-se sobretudo pela originalidade do aspecto gráfico enquanto os investigadores com consciência política focam a sua faceta

¹² Em 1788, Blake inventou esta técnica conhecida como "relief etching" e usou-a na maior parte da sua obra poética, tendo designado o método como "Illuminated Printing" e as obras assim ilustradas como "Illuminated Books". Ver William Blake, *Prospectus*, October 1793.

	<p>O CONCEITO DE ALMA NA POESIA ROMÂNTICA INGLESA</p>	<p>Maria Laura Bettencourt Pires Universidade Católica Sociedade Científica</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------

inconformista, vendo-o como um profeta contra o império¹³ e os especialistas em análises literárias inspiram-se na análise dos seus poemas¹⁴.

Ao lermos a obra de Blake podemos concluir que ele, com a sua habilidade para 'desmontar' as ideias convencionais, descobriu – tal como ansiava – a sua identidade como profeta, levando os seus leitores a verem uma realidade para além do "group-thinking"¹⁵, o modo de pensar preponderante, erguendo assim os nossos espíritos até termos uma percepção do infinito.




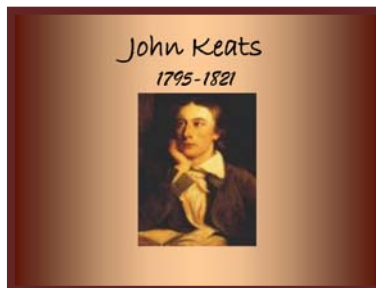
Podemos concluir que as inovadoras capacidades de comunicação de Blake patentes na sua obra ímpar lhe permitem motivar a tomada de consciência dos leitores, embora tal não tenha sucedido entre os seus contemporâneos mas sim nos nossos dias, em que estamos mais conscientes das antinomias e das lutas subjectivas pela posse da alma do artista.

¹³ O investigador David Freedman considera que o simbolismo da poesia de Blake era uma campanha literária contra a tirania política e social da época como está patente em poemas como: "America", "Europe" e "The French Revolution".

¹⁴ Northrop Frye intitulou o seu famoso estudo *Fearful Symmetry* inspirado nos conhecidos versos do poema "The Tiger" de William Blake: *Tyger, tyger, burning bright / In the forests of the night, / What immortal hand or eye / Could frame thy fearful symmetry.*

¹⁵ Designa-se como *Groupthink* o fenómeno psicológico que ocorre num grupo - no caso de Blake seria na sociedade inglesa da sua época – quando, devido ao desejo de harmonia ou conformidade, os membros do grupo tentam minimizar os conflitos e chegar a consenso sem fazerem uma avaliação crítica das situações em apreço.

	O CONCEITO DE ALMA NA POESIA ROMÂNTICA INGLESA	Maria Laura Bettencourt Pires Universidade Católica Sociedade Científica
-----------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------



Ao analisarmos seguidamente a poesia de uma das mais notáveis figuras da segunda geração de poetas românticos ingleses, John Keats (1795-1821), verificamos que se baseava num padrão básico de "transformação", tema que era comum ao Platonismo e ao Gnosticismo assim como ao mito e à alquimia. Keats é justamente considerado como o mais gnóstico dos românticos ingleses e, numa carta aos irmãos¹⁶, confessa que vê este mundo como "The Valley of Soul-making"¹⁷, o vale de formação da alma, pois pensava que as dificuldades que nele encontramos são necessárias para o desenvolvimento do carácter.

O conceito gnóstico de formação da alma que serviu de mote a Keats durante a sua breve permanência neste mundo envolvia a redenção mas por um processo de individuação interna. Ao lermos a sua obra, verificamos que ele considerava que o objectivo das nossas vidas deveria ser a descoberta e a educação da alma, seguindo assim a ideia gnóstica de que se obtinha a salvação através de um auto-conhecimento curativo que implicava uma intensificação da consciência. Este

¹⁶ Keats escreveu: "Call the world if you please 'The Vale of Soul-making.' Then you will find out the use of the world". Vide *To George and Georgiana Keats (The Valley of Soul Making), Sunday 14 Feb.-Monday 3 May 1819*, p. 336. Algumas das cartas de Keats foram publicadas com o título *Selected Letters of John Keats* (Grant F. Scott Ed.), Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2002.

¹⁷ Keats faz uma referência bíblica á expressão inglesa "vale of tears" (Psalm 83:7) que foi traduzida como "vales áridos" na versão portuguesa do Salmo *A casa de Deus é casa do povo* (83:7): "Felizes os que encontram em Ti a sua força/ao preparar a sua peregrinação;/quando atravessam vales áridos." *Bíblia Sagrada*, Sociedade Bíblica Internacional, 2009, p. 839.

	<p>O CONCEITO DE ALMA NA POESIA ROMÂNTICA INGLESA</p>	<p>Maria Laura Bettencourt Pires Universidade Católica Sociedade Científica</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------

processo, segundo Keats, dava sentido à vida e as atribulações por que se passava contribuía justamente para essa "formação da alma". Na sua tentativa para explicar o processo complexo de "soul-making", na referida carta considerava o mundo uma escola e afirmava que havia três materiais essenciais para a educação da alma que eram: "a inteligência, o coração dos homens e o mundo"¹⁸. Na sua filosofia gnóstica em relação à alma humana e ao seu perpétuo desenvolvimento, via-a como um órgão de salvação interno, que levaria à aceitação de si mesmo e a uma auto-salvação que implicava ver "a beleza como verdade e a verdade como beleza" e a capacidade de tolerar "as incertezas, mistérios, dúvidas, sem uma procura encarniçada por factos e razões"¹⁹ que apenas anulariam "o canto do rouxinol" de que nos fala em "Ode to a Nightingale" (1819).



Ode to the Nightingale

A propósito desta atitude passiva - aliás tão contrária ao modo actual de ver a vida - ocorre a seguinte citação relativa às modestas violetas: "How beautiful are the retired flowers! How they would lose their beauty were they to throng into the highway, crying out 'admire me I am a violet!'"²⁰ Neste âmbito, Keats descreve

¹⁸ *Idem, lb.*, p. 336.

¹⁹ *Idem, lb.*, p. 143.

²⁰ *Idem, lb.*, p. 96.


	O CONCEITO DE ALMA NA POESIA ROMÂNTICA INGLESA	Maria Laura Bettencourt Pires Universidade Católica Sociedade Científica
-----------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------

aquilo que designa como "Negative Capability"²¹ que seria uma forma de abandono 'guiado' confinado a um sentido firme de um mundo sólido que permitia – tal como ele nos diz - ver "a verdade da beleza". Este conceito é bem contrário às atitudes contemporâneas das pessoas que procuram "anestesiá-la" a sua alma para não sofrer e estão sobretudo interessadas na satisfação de necessidades alimentadas pela comunicação social motivada por sensacionalismo imediato. A demanda de Keats por uma permanente aprendizagem e a enormidade da tarefa que se propunha realizar levavam-no a reconhecer: "I am however young writing at random – straining at particles of Light in the midst of great darkness"²²

Como é evidente nos poemas *Endymion* (1818) - que é o mais longo e dedicado a Thomas Chatterton – e *Hyperion* (1820), Keats considera que o objectivo do desenvolvimento psíquico é a recuperação de uma totalidade anterior a que se refere como "wholeness". O poeta, através da sua imaginação, exprime esse objectivo como um modo holístico de conhecimento e de vida, falando de um símbolo unificador e de Beleza (experiência subjectiva) e Verdade (lógica racional) como metonímicas da unidade do saber e do ser.

²¹ Em 21 de Dezembro de 1817, Keats diz claramente na carta aos irmãos aquilo que entende por *Negative Capability*: "I mean Negative Capability, that is when man is capable of being in uncertainties, mysteries, doubts, without any irritable reaching after fact and reason."

²² *Idem, Ib.*, p. 317.

	<p>O CONCEITO DE ALMA NA POESIA ROMÂNTICA INGLESA</p>	<p>Maria Laura Bettencourt Pires Universidade Católica Sociedade Científica</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------




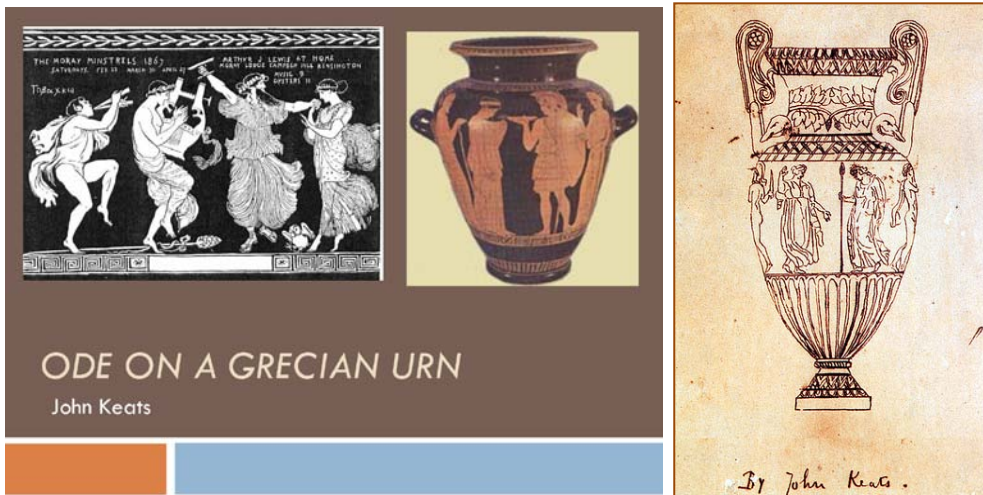
"Ode on a Grecian Urn"

A poesia nasce de um padrão mítico em vista a uma retoma de uma unidade na qual o eu simultaneamente cria e é criado. Tal como Keats tão claramente nos diz, a poesia realiza a sua própria salvação, "works out its own salvation", visto que aquilo que é criativo deve criar-se a si próprio, "that which is creative must create itself." e leva-nos assim nas asas da imaginação.

Ao contrário dos visionários Blake e Shelley, cujo utopianismo tinha como objectivo melhorar a sorte do resto da humanidade, Keats raramente enfatizava a necessidade de reformas sociais e mantinha-se fiel ao imperativo gnóstico: "Conhece-te a ti mesmo", recolhendo-se, mais do que os outros poetas românticos no santuário da sua vida interior.


Nos seus poemas, Keats segue um padrão mítico de divisão e reunificação cujo objectivo é o crescimento psíquico. Descreve este alvo a atingir como um modo holístico de conhecimento e de existência, que nos é comunicado através da sua imaginação como um símbolo unificador.

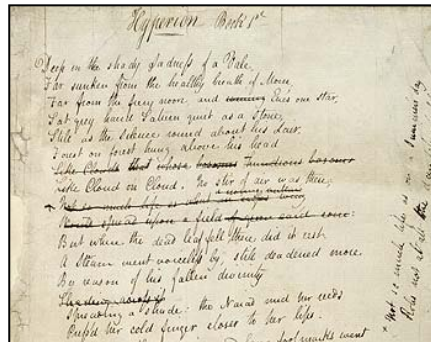
	<p>O CONCEITO DE ALMA NA POESIA ROMÂNTICA INGLESA</p>	<p>Maria Laura Bettencourt Pires Universidade Católica Sociedade Científica</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------



Nos versos de "Ode on a Grecian Urn" (1820) vemos como, num momento evanescente de fuga à dor da vida, tanto a Verdade como a Beleza de tudo aquilo que a urna contém se tornam conhecidos de Keats. O poeta parece querer enviar-nos a mensagem de que apenas quando nos rendemos totalmente ao outro podemos sentir o clímax revelador da apreensão estética e procura reconciliar-se com a realidade trágica da vida ao afirmar a unidade gnóstica do conhecedor, daquilo que era conhecido e do meio de conhecimento.

Por outro lado, ao escrever *Hyperion* (1820), o fragmento épico que nunca terminou, Keats refere-se à natureza da poesia e ao desenvolvimento do poeta, definindo-se de modo platónico ao afirmar que as aparentes realidades exteriores se tornaram num sonho de sombras com forma de homem e mulher que habitam um reino.

	<p>O CONCEITO DE ALMA NA POESIA ROMÂNTICA INGLESA</p>	<p>Maria Laura Bettencourt Pires Universidade Católica Sociedade Científica</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------



Hyperion

John Keats morreu aos 25 anos sem que o mundo tivesse reconhecido o seu valor e deixou uma reduzida obra literária que – segundo a maioria dos críticos actuais – inclui alguns dos mais belos poemas escritos em língua inglesa, tendo a sua arte poética sido já considerada como apenas sendo superada pela de Shakespeare.

A sua correspondência com a família e amigos é igualmente classificada como sendo de uma grande riqueza de conteúdo literário, filosófico e cultural. Na carta já acima referida, que escreveu aos irmãos²³, Keats expõe a sua perspectiva sobre o conceito de alma, referindo-se aos grandes temas, sobre os quais todos deveríamos reflectir como: o significado da vida e da morte, a alegria e a tristeza, o conflito entre destino e livre arbítrio e a natureza da identidade.



Silhueta de John Keats, 1820

²³ Ver nota 6, p 248.

	<p>O CONCEITO DE ALMA NA POESIA ROMÂNTICA INGLESA</p>	<p>Maria Laura Bettencourt Pires Universidade Católica Sociedade Científica</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------

Concluimos estas breves notas com uma citação que nos parece bem representativa das anteriores afirmações e elucidativa das ideias de Keats sobre o conceito de alma:


"Soul as distinguished from Intelligence. There may be Intelligence, or sparks of the divinity, in millions, but they are not Souls till they acquire Identities, till each one is personally itself.(...) How then are Souls to be made? How then are these sparks (...) to have Identity given to them, so as ever to possess a bliss peculiar to each one's individual existence? How but by the medium of a world like this?"

Ao lermos estas palavras do poeta não podemos deixar de reflectir sobre o facto de elas suscitarem pensamentos tão necessários nos nossos tempos sobre o modo como uma alma se pode formar num mundo em que, apesar de estarmos à mercê de circunstâncias que não controlamos, nunca devemos dizer não à vida. Para conseguirmos ter essa atitude, necessitamos da ajuda de poetas inspirados, como William Blake e John Keats, cujas obras enriquecem a nossa vida decerto por terem eles próprios almas de tal maneira ricas que fortalecem as nossas quando lemos os seus poemas e nos levam a ver a beleza em coisas consideradas negativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

WILLIAM BLAKE


- Blake, William. *The Complete Poems*. Edited by Alicia Ostriker. London: Penguin, 1978.

	O CONCEITO DE ALMA NA POESIA ROMÂNTICA INGLESA	Maria Laura Bettencourt Pires Universidade Católica Sociedade Científica
-----------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------

- ———. *The Complete Poetry and Prose of William Blake*. Edited by David Erdman with commentary by Harold Bloom. Berkeley: Univ. of California Press, ²1982.
- ———. *Milton: A poem. The Illuminated Books*, vol. 5. Edited by Robert N. Essick and Joseph Viscomi. Princeton, N.J.: Princeton Univ. Press, 1993.
- ———. *Songs of Innocence and of Experience. The Illuminated Books*, vol. 2. Edited by Andrew Lincoln. Princeton, N.J.: Princeton Univ. Press, 1991.
- ———. *The Urizen Books. The Illuminated Books*, vol 6. Edited by David Worrall. Princeton, N.J.: Princeton Univ. Press, 1995.

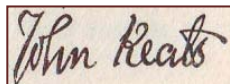


- Erdman, David V., *Blake: Prophet Against Empire*, New York: Courier Dover Publications, 1977.
- Frye, Northrop, *Fearful Symmetry, A Study of William Blake*, New Jersey: Princeton University, 1947.
- Martin, Raymond/ John Barresi. *The Rise and Fall of Self and Soul; An Intellectual History of Personal Identity*. New York: Columbia, 2006.
- Miner, Paul, William Blake's Creative Scripture, *Literature & Theology*, Vol. 27. No. 1, March 2013, pp. 32–47.
- Quinney, Laura, *William Blake on Self and Soul*. Cambridge, MA.: Harvard University Press, 2009.
- Summerfield, Henry. *A Guide to the Books of William Blake for Innocent and Experienced Readers*. Gerrards Cross, Bucks, UK: Colin Smythe, 1998.
- Taylor, Charles. *Sources of the Self*. Cambridge, Mass.: Harvard Univ. Press, 1992.

	<p>O CONCEITO DE ALMA NA POESIA ROMÂNTICA INGLESA</p>	<p>Maria Laura Bettencourt Pires Universidade Católica Sociedade Científica</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------

JOHN KEATS

- *Keats's Poetry and Prose* (Jeffrey N. Cox Ed.), New York: W.W. Norton Co, 2008.
- *Selected Letters of John Keats* (Grant F. Scott Ed.), Cambridge, MA.: Harvard University Press, 2002.
- *Complete Poems* (Jack Stillinger Ed.), Cambridge, MA.: Harvard University Press, 1982.



- Barnard, John, *John Keats*, Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- Bate, Walter Jackson, *Negative Capability: The Intuitive Approach in Keats*, New York: Contra Mundum Press, 2012.
- Colvin, Sidney, *John Keats: His Life and Poetry, His Friends, Critics and After-Fame*: New York: Octagon Books, 1970.
- -----, *Keats*, Stockbridge, MA.: Hard Press Editions, 2013.
- "John Keats", *The New Yorker*, 88.41 (Dec. 24, 2012), p. 139.
- Roe, Nicholas, *John Keats: A New Life*, New Haven, CT.: Yale University Press, 2013.
- Turley, Richard Maggraf, *Keats' Boyish Imagination*, London: Routledge, 2004.